

nte que aportou em Apipucos

Aráujo, especialistas em Gilberto Freyre, analisam nestas e na próxima pelo interesse renovado sobre seus trabalhos e do papel desempenhado nas escolhas feitas por Freyre nos campos estilístico, político e temático

Foto: Acervo da Fundação Gilberto Freyre



Isto não significa, evidentemente, maior ou menor influência. A questão talvez não seja essa, até porque todo grande intelectual sempre repensa as suas influências. Mas há certamente vários pontos de contato, ainda que trabalhados em direções distintas. Mais adiante, certamente, a obra de Gilberto vai para alguns lados que não são exatamente os mesmos perseguidos por Sérgio, embora a minha sensação é a de que ainda continue a haver alguns vínculos. Claro que houve um afastamento político – Sérgio caminhou mais para a esquerda, Gilberto foi mais para direita. Talvez exista mais esse tipo de divergência do que propriamente uma questão de oposição intelectual, no sentido mais estrito do termo, que tenha eventualmente afastado os dois. Há trabalhos e pesquisas sendo feitos nessa direção.

JU - A chamada escola paulista de sociologia questionou muitas das teses freyreianas, sobretudo no âmbito das questões étnicas. Passado já algum tempo da polêmica é possível demarcar o que permaneceu desse questionamento?

Elide Rugai Bastos – Algumas importantes teses da chamada escola paulista de sociologia representam um contraponto à interpretação freyreiana. O ponto de partida – a afirmação da impossibilidade de discutir-se a situação racial sem articulá-la à con-

dição escrava e à herança do escravismo na configuração da sociedade brasileira – já mostra a polêmica desenvolvida. Ainda, a escolha do universo da pesquisa – o sul do país – se dá a partir do estabelecimento de uma necessária relação com o desenvolvimento do capitalismo e dos arranjos que definem a sociedade, diferentes da situação do Nordeste.

Ricardo Benzaquen de Araújo – Trata-se de uma questão difícil. Esse afastamento absoluto entre Gilberto Freyre e Florestan Fernandes – e seus discípulos –, é um tema que deve ser mais examinado. Há documentos que chamam a atenção para existência de alguns pontos de contato. Como, por exemplo, Florestan convidando Gilberto para participar da banca de teses de alguns dos seus mais queridos estudantes. Sem dúvida, se a gente olha as coisas mais de perto, esse tipo de oposição, que parece tão estabelecida, pode vir a ganhar novos matices. É preciso pesquisá-la de forma mais minuciosa.

Na verdade, conheço pouco esse debate para poder dar uma resposta mais completa. Contudo, cabe assinalar que também havia uma crítica à falta de rigor em Gilberto, crítica que, eventualmente, parece-me até bastante correta. É preciso, porém, não confundir a crítica à falta de rigor com a crítica ao ensaísmo, que já é uma outra coisa. Com frequência, do ponto de vista de quem formula a crítica, tem-se a sensação de que os dois argumentos são idênticos – ensaísmo implicaria obrigatoriamente falta de rigor. Não me parece que seja o caso, discordo fortemente dessa interpretação. Acho perfeitamente possível se encontrar um rigor no ensaísmo, que será inevitavelmente diferente daquele que costuma caracterizar uma pesquisa documental ou de campo. Nesse sentido, não me parece que a crítica ao ensaísmo tenha produzido um resultado dos mais fecundos. O que não significa que não se deva criticar o ensaio nem, sobretudo, deixar de cobrar rigor que lhe é próprio.

Desse modo, tenho a impressão de que esse é um debate levemente infeliz. É necessário examinar com mais cuidado esse debate entre “ensaio versus pesquisa”, entre Gilberto e Florestan. O clichê da oposição pura e simples não me parece suficiente, a essa altura da vida.

JU – Até que ponto as posições políticas assumidas por Freyre, sobretudo nos anos 50 e 60, trouxeram prejuízo à compreensão de sua obra, que foi praticamente colocada à margem do que foi estudado pela academia no período?

Elide Rugai Bastos – Creio que, para calibrar a resposta, devemos separar os dois momentos referidos em sua pergunta. Primeiramente falarei sobre os anos 60 e 70. Durante o período de repressão, inúmeros temas e autores ficaram fora dos debates intelectuais, políticos e acadêmicos. Uma temática que deixou de ser abordada, naquele momento, foi a das interpretações do Brasil, por motivos que podemos compreender no quadro da censura imposta pela ditadura. Para lembrar um exemplo, os livros de Florestan Fernandes, mesmo aqueles sobre teoria sociológica, ficaram fora da circulação.

Ora, estudar um autor requer que se estabeleça um diálogo com seus contemporâneos, seguidores, intérpretes, influências teóricas, posições políticas, recepção da obra. Seria impossível estudar Gilberto sem fazer referência ao conjunto de debates que se estabelecem sobre os temas e as diferentes interpretações. Vários desses estudos e autores foram censurados. Isso não ocorreu com Gilberto e

vários de seus livros apareceram, no período, sob a égide da universidade. Cito o importante texto *Como e porque sou e não sou sociólogo*, de 1968, editado pela Universidade de Brasília, onde também o autor proferiu, em 1966, uma série de palestras sobre Futurologia. Atuou fortemente na área de educação e cultura, integrando o Conselho Federal de Cultura desde sua criação no governo Castelo Branco, até o final do governo Figueiredo. Recebeu em 1971, da UFRJ, o título de Doutor Honoris Causa; o mesmo título lhe foi concedido em 1972 e 1973 pelas UFPE e UFPB.

Nos anos 50, não creio que Gilberto tenha sido colocado à margem dos estudos acadêmicos. Por exemplo, foi convidado por Florestan Fernandes a participar das bancas de doutorado de Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, conforme pode ser conferido pela correspondência recebida por ele. Lembro-me que da banca de Ianni participaram Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Seria natural a presença de Gilberto, que não aceitou o convite.

Nessa década muitos de seus textos foram publicados, dos quais destaco aqueles que têm referência direta com o mundo acadêmico: a segunda edição ampliada de *Sociologia, Ordem e Progresso*, e a escritura da Introdução à segunda edição de *Sobrados e mucambos*. Nesses trabalhos, Gilberto estabelece um debate com as diferentes leituras de sua obra e responde a várias críticas. Esses três livros foram objeto de resenhas, artigos o que mostra que faziam parte da polêmica estabelecida no campo das ciências sociais. O fato de muitas dessas abordagens serem críticas não significa marginalização do autor. Devemos lembrar que a polêmica é constitutiva do trabalho intelectual!

Enrique Larreta – Sua obra encontrou-se inevitavelmente envolvida nos conflitos ideológicos do século 20. Sua subestimação da democracia é um ponto fraco de sua teoria social, e em certas épocas deixou-se tentar por soluções autoritárias.

Ricardo Benzaquen de Araújo – Não tenho muitas dúvidas de que isso lhe trouxe algum prejuízo. Agora, só para matizar um pouco mais a questão: de um lado, não foi só a obra dele que sofreu dificuldade, até já citamos alguns outros autores que também foram vítimas de preconceito, por assumirem posições políticas que não eram aquelas então dominantes no meio intelectual. Além disso, há um segundo ponto que se refere mais especificamente ao Gilberto. É preciso ainda levar em conta que ele não recebe críticas apenas do ponto de vista político, mas também críticas que se referiam mais diretamente à sua produção intelectual, levantando, de novo, essa questão do “ensaio versus pesquisa”.

A minha sensação é a de que esse segundo tipo de crítica agiu poderosamente para dificultar uma melhor compreensão do trabalho de Gilberto. Hoje em dia, porém, há todo um esforço no sentido de tratar essas questões com maior generosidade intelectual, pesquisando, repito, diferentes tipos de rigor, várias alternativas, sem abrir mão, é lógico, da preocupação com a seriedade acadêmica.

JU – O uso de imagens literárias e de relatos de viajantes são recorrentes no conjunto da obra de Freyre. Quais foram os prós e os contras dessa escolha?

Elide Rugai Bastos – Gilberto Freyre-

Continua na página 8

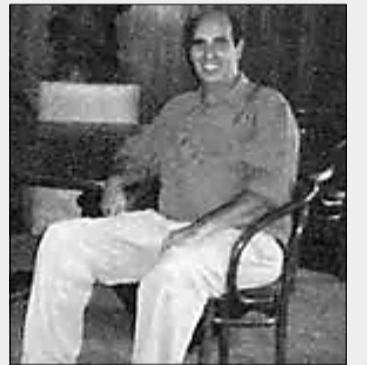
Elide Rugai Bastos

Fotos: Antoninho Perri



Elide Rugai Bastos é professora do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH), onde é diretora do Centro de Estudos Brasileiros (CEB). É secretária adjunta da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Escreveu, entre outros livros, *As Ligas Camponesas* (1984) e *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico – Entre Dom Quixote e Alonso El Bueno* (Edusc/Anpocs, 2003).

Enrique Larreta



Enrique Rodríguez Larreta é doutor em antropologia social pela Universidade de Estocolmo e diretor do Instituto do Pluralismo Cultural da Universidade Candido Mendes. Recentemente publicou *Gold is Illusion* (2003) e editou com Guillermo Giucci a primeira edição crítica de *Casa-grande & senzala* (2003). Entre outros trabalhos, organizou recentemente *Real / Simulacra / Artificial: Ontologias de Postmodernity* (2003) e *Identity and Difference in the Global Era* (2002). Sua biografia cultural de Gilberto Freyre se encontra no prelo pela Editora Planeta.

Ricardo B. de Araújo



Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ricardo Benzaquen de Araújo é historiador, professor e pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Universidade Candido Mendes, e da PUC-Rio de Janeiro. É autor dos livros *Guerra e Paz - Casa-grande & senzala* e *A Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30* (Editora 34, 1994) e *Totalitarismo e Revolução - O Integralismo de Plínio Salgado* (Jorge Zahar, 1988). Ganhou em 1994 os prêmios Jabuti e Joaquim Nabuco.